

Os sermões em torno da Rainha Santa em Coimbra

Isabel de Aragão, filha do rei de Aragão D. Pedro, nasceu em Saragoça em 1271, ou seja, alguns anos depois da canonização de Santa Clara (1255) e de Santa Isabel da Turíngia (1235). Em 1282, casou por procuração com o rei D. Dinis e nesse ano chega a Coimbra. Em 1286 era lançada em Coimbra a primeira pedra do primitivo mosteiro de Santa Clara.

A morte de D. Dinis ocorreu em 1325 e a de Isabel a 4 de Julho de 1336 em Extremos, sendo trasladada para o mosteiro das clarissas de Coimbra. Foi beatificada por Leão X a 15 de Abril de 1516 e canonizada por Urbano VIII a 25 de Maio de 1625, tendo-a Filipe III declarado padroeira do Reino. Em 1649 foi colocada a primeira pedra do novo Convento e trasladados os seus restos mortais para uma capela provisória, e a 29 de Outubro de 1677 o seu corpo foi trasladado para o novo convento de Santa Clara¹.

¹ Algumas datas que ajudam a compreender melhor a sua vida: em 1217, os franciscanos chegam a Portugal; em 1218, é criada a Universidade Salamanca; em 1220, dá-se o martírio dos franciscanos portugueses em Marrocos; em 1235, é canonizada de Isabel de Turíngia; em 1247, os franciscanos instalam-se em S. Francisco da Ponte; em 1253, morre Santa Clara, que nascera a 11 de Agosto de 1193, sendo canonizada em 1255; em 1286, tem lugar o lançamento da primeira pedra de Santa Clara-a-Velha; a 11 de Novembro de 1288, vários eclesiásticos dirigem uma petição ao papa para ser criado um «Studium Generale, que vem a ser fundado a 1 de Março de 1290 em Lisboa; em 1317, inicia-se o primitivo mosteiro de Santa Clara (Santa Clara-a-Velha); em 1330, é sagrado o mosteiro de Santa Clara; em 1611, é instaurado o processo apostólico em ordem à canonização de Isabel de Aragão, sendo em 1612 Francisco Suárez nomeado procurador juntamente com Egídio da Apresentação; neste ano, é aberto o túmulo, verificando-se que o seu corpo estava incorrupto; em 1649, é colocada a da 1ª pedra; a sé nova, começada em 1547, é benzida em 1639 e concluída em 1724; a 29 de Outubro de 1677, tem lugar a primeira trasladação dos restos mortais para o novo convento de Santa Clara; e em 1696, a segunda e é concluída a igreja; em 1910, é declarada monumento nacional, que vem a ser arrendado em 1925 e comprado em 1976; em 1994, foram descobertos elementos arqueológicos em Santa Clara-a-Velha, procedem-se a escavações e em 2005 é aberta ao público. – O centenário do nascimento de Isabel de Aragão foi devidamente celebrado em Coimbra, tendo o «Arquivo Coimbrão», XXVI (1972-73) reeditado o sermão do Padre Bento de Siqueira, com uma introdução do Doutor Manuel Lopes de Almeida. Adiante falaremos desse sermão.

E para uma bibliografia completa de Isabel de Aragão remetemos o leitor para a obra de António de Vasconcelos, *Dona Isabel de Aragão (A Rainha Santa)*, editado em dois volumes em 1894 e reeditado em 1993².

X

No presente trabalho tivemos em linha de conta sete sermões em honra da Rainha Santa Isabel. Especial interesse nos mereceu o fundo bíblico e as autoridades da Patrística, teológicas e biográficas em que se fundamentam os seus autores. Todos eles enaltecem de forma altamente panegírica a vida e as virtudes de Isabel de Aragão; para tal exploram ao máximo possíveis comparações com os textos sagrados do Antigo e do Novo Testamento e da história. Por outro lado, nota-se uma

² O título completo é o seguinte: *Evolução do culto de Dona Isabel de Aragão esposa do rei lavrador Dom Dinis de Portugal (A Rainha Santa), Estudo de investigação histórica feito pelo Doutor António Garcia Ribeiro de Vasconcelos, lente catedrático da Faculdade de Theologia da Universidade de Coimbra e sócio efectivo do Instituto da mesma cidade*. A obra foi dedicada a Suas Majestades as Senhoras Dona Maria Amélia, rainha de Portugal, e Dona Cristina, rainha de Espanha. Começou a ser composta a 28 de Novembro de 1881 e terminou-se a 30 de Junho de 1894. O vol. I trata da vida de Isabel de Aragão e o vol. II inclui 195 documentos. – Em 1993, o Arquivo da Universidade de Coimbra procedeu à reedição fac-similada de tão importante livro do Doutor António de Vasconcelos, que a Gráfica Maiadouro se dignou patrocinar. Acrescentámos ao início do texto original do Autor alguns dados cronológicos, bibliográficos e outros, e foram incluídos desenhos para a capa e suas guardas gentilmente elaborados por Monsenhor Augusto Nunes Pereira. – Além da bibliografia preparada pelo Doutor António de Vasconcelos, pode ver-se outra na reedição a que nos referimos atrás e em trabalhos de Armando Carneiro da Silva, como «Exposição bibliográfica de Santa Isabel» por Carneiro da SILVA, in *Arquivo Coimbrão*, XXIII (1968). Vid. ainda: da nossa autoria, “Três poesias hebraicas....: e Ángel Canellas López, “Una carta-relicario de Santa Isabel de Aragón, reina de Portugal”, *Silos* 1977 (Separata de: *Homenaje a Fray Justo Pérez de Urbel*); Manuel FERRER MALUQUER, *Santa Isabel, reina de Portugal: Zaragoza (Aragón) 1271 - Estremoz (Portugal) 1336*, Barcelona, 1944; Encarnación DOMÍNGUEZ NAVARRO e Isabel LERMA VLLLALBA, *Isabel de Aragón, reina de Portugal*, Zaragoza 1986 «Escultura e instalaciones: XVIII premio de arte Santa Isabel de Aragón, Reina de Portugal», Palacio de Sástago – Zaragoza, del 3 al 19 de septiembre de 2004. Diputación Provincial de Zaragoza, [Area de Cultura y Patrimonio. Coord. de Ricardo Centellas, Zaragoza 2004. – De entre os documentos insertos na obra do Doutor Vasconcelos, salientamos: o ofício litúrgico dos cônegos regrantes (1531), que em fins do séc. XVI ou princípios do XVII sofreu alterações; o ofício litúrgico elaborado por André de Resende (Coimbra 1551); o juízo dos lentes Ledesma, Romeiro e sobre o ofício de Resende; uma carta de D. João III (9 de Setembro de 1556), ao reitor da Universidade, Afonso do Prado, ordenando-lhe que vá todos os anos com a Universidade ao Colégio das Artes no dia da Rainha Santa e que assista à missa e à oração evocatória; o primeiro compromisso da confraria da Rainha Santa; uma parte dos estatutos do colégio das Artes em que se fala da celebração duma festa em honra da padroeira de Coimbra; o ofício da ordem de Cister (1569); o ofício da igreja de Coimbra, aprovado em 5 de Julho de 1584; o ofício da ordem dominicana, impresso em 1606; e o ofício para o dia da festa e oitavário.

preocupação de arreigado patriotismo no desenvolvimento das ideias expressas. Reconhecemos que por vezes nos demorámos em descrever aspectos demasiado descritivos das orações proclamadas (em 1625, 1649, 1659, 1679, 1674, 1727 e 1762), pretendendo com isso evidenciar o estilo dos seus autores que traduzia a mentalidade da época.

Nos sete sermões seleccionados, seis abordam o cap. 13 de S. Mateus, em que Cristo apresenta as parábolas do Reino de Deus. Só o último, de Bento de Siqueira, toma como referência o Salmo 44, 15-16. Parábolas, provérbios e refrãos são traduções do hebraico “mesalim”; trata-se de comparações que revelam ou ilustram aspectos da vida. Podem ter forma descritiva ou narrativa, e podem ser apresentadas desenvolvidamente ou de forma breve. Os livros sapienciais (os Provérbios e o Eclesiástico) utilizam-nos muito. Nas parábolas de Jesus as duas funções, descobrir e encobrir aparecem frequentemente. Mateus reúne-as no cap. 7 em dois blocos: 4 para o povo em geral, duas das quais são explicadas em privado aos apóstolos, e 3 para os discípulos³. Em Mt 13, 35 vem citao o Sal 77, 1-2: «Attendite, popule meus, doctrinam meam; inclinate aurem vestram in verba oris mei. – Aperiam in parabolis os meum, eloquar arcana aetatis antiquae».

יִפְיֹרְמָא לְמַכְבָּרְא וְטוּהַ; יִתְרְוֹת יִמְעַה נִיזְא
 מְדַק־יִנְמַת וְדִיחַה עֵיבָא; יִפְלֹשְׁמַבְחַת פְּאָ

Domina o tema do Reino de Deus, não em teoria, mas como proclamação, que exige resposta para ser compreendida. Quem não quer aceitar, nega-se a compreender. Entrevê-se a resistência de uns e a indecisão de outros. Enquanto os discípulos são iniciados no mistério, compreendendo, aceitando, estão entrando no Reino de Deus. Os Sal 49 e 78, Isafas e Ezequiel (28, 23-29; Ez 15) contêm igualmente várias parábolas.

³ No Antigo Testamento, encontramos o vocábulo «massal» Nos LXX «parabole» encontra-se 48 vezes, o mesmo sucedendo com os evangelhos sinópticos; S. João emprega «paromia». Sobre o tema das parábolas e outros, vid. Biblia Hebraica; *Dictionnaire d'histoire et de géographie ecclésiastiques*, Paris 1912ss.; *Dictionnaire de la Bible Supplément*, Paris 1928ss.; *Dictionnaire de Spiritualité ascétique et mystique*, Paris 1937ss.; *Exegetisches Wörterbuch zum Neuen Testament*, 3 vols., 2.^a ed., Stuttgart-Berlin-Köln 1992; Herbert HAAG, *Bibel-Lexikon*, art. “Gleichnis”, Zürich-Köln 1956; Luis Alonso SCHÖKEL, *La Biblia del Peregrino, Nuevo Testamento*, tomo III, 2.^a e. Bilbao 1997; *Lexikon für Theologie und Kirche*, 3.^a ed., Freiburg i. Br. 1993ss.; *Patrologiae cursus completus. Seris Graeca*, Paris 1857ss.; *Patrologiae cursus completus. Séries Latina*, Paris 1841ss.; *Reallexikon für Antike und Christentum*, Stuttgart 1950ss.; «Religiön in Geschichte und Gegenwart”, 4.^a ed., Tübingen 1998ss.; Septuaginta, *Nova Vulgata Bibliorum Sacrorum*, Città del Vaticano 1979; *Theologische Realenzyklopädie*, Berlin 1976ss.

Uma parábola também pode encobrir algo, despertando a curiosidade, desafiando a imaginação, incitando a descobrir; assim o “massal” aproxima-se do “hidâ” ou adivinha (Sal 49, 5; 78, 2), como a do semeador, a do trigo e do joio, a do grão de mostarda, ou a do fermento.

SERMÕES

1. ANTÓNIO DE ANDRADA REGO⁴: «Simile est regnum caelorum homini negotiatori quaerenti bonas margaritas (Mt. 13, 45-46).

O texto latino completo diz: «Simile est regnum caelorum homini negotiatori quaerenti bonas margaritas. Inventa autem una pretiosa margarita, abiit et vendidit omnia quae habuit et emit eam», que corresponde ao texto grego:

παλιν ομοια εστιν η βασιλεια των ουρανων
ανθρωπω | εμπορω ζητουντι καλους μαργαριτας
ευρων δε ενα πολυτιμον μαργαριτην
απελθων πεπρακεν παντα οσα ειχεν και ηγορασεν αυτον.

O autor começa por afirmar que existe uma grande diferença entre o Reino dos Céus e o reino dos homens. Isabel foi boa negociadora por ter sabido comprar o Reino dos Céus desprezando as coisas mais preciosas do mundo; aquele é abundante em descansos, gozos e bem-aventuranças, diz o orador, ao passo que o da terra está cheio de tribulações, indústrias e cuidados.

Tudo são permanências no Reino de Deus: «In domo Patris mei mansiones multae sunt» (Io 14, 2), enquanto no homem de negócios tudo são falências e

⁴ Sermão pregado na igreja do Real Convento de Santa Clara de Coimbra a 4 de Julho de 1727 e impresso nas Oficinas do Real Colégio das Artes, 1727. Tem aprovação diocesana com pareceres de Fr. José Caetano e de Fr. Cristóvão da Cruz; e pelo Paço do padre Manuel de Oliveira. – Andrada Rego foi colegial e reitor do Colégio de S. Paulo de Coimbra, lente de Decreto, cônego doutoral da sé de Faro, desembargador dos Agravos da Casa da Suplicação e comissário das obras do convento de Santa Clara. Natural de Lisboa, revelou-se grande conhecedor de humanidades e da língua latina e estudou filosofia e direito pontifício. Recebeu o grau de mestre em artes e de doutor em Cânones em Coimbra. Foi admitido no Colégio de S. Paulo em 1705; em 1717 subiu à cadeira de sexto, passando depois à de decreto, em que se jubilou. Foi desembargador da Relação do Porto, da Casa da Suplicação e titular dos Agravos, cargo de que tomou posse em 5 Dez. 1716; e ainda membro da Academia Real da História, conselheiro da Fazenda e deputado da Casa de Bragança. Escreveu e fez imprimir, de 1727 a 1735, vários sermões e a «Oração com que congratulou os académicos da Academia Real quando foi eleito seu colega, no ano de 1734» (impressa no tomo XIV da colecção dos documentos e memórias da Academia Real (Lisboa 1734).

quebras. Para alcançar o Reino de Deus importa morrer por Cristo: «Mihi vivere Christus est, et mori lucrum» (Fil 1, 21). No homem de negócios o viver para ter lucros é o melhor emprego, mas o Reino dos Céus adquire-se pela simplicidade das obras; o homem de negócios todo ele consiste numa astuciosa aparência de palavras.

Conta nesta ordem de ideias a pureza de coração («Beati mundi corde, quoniam ipsi Deum videbunt», Mt 5, 8) que caracteriza o homem espiritual; o coração dum homem de negócios ordinariamente é impuro e sujeito a enredos. E cita o papa S. Leão num dos seus sermões: «Venerat enim Deus, miserator caeli et terrae, et commutatione mirabili inerat commercium salutare, nostra accipiens et caelum tribuens».

Apoia a sua asserção no célebre escriturista Maldonado⁵ que, comentando o Evangelho, explica em que consiste o homem espiritual: «Nos vero homini negotiatori símiles esse debemus, qui cum regnum caelorum invenimus, nullis sumptibus, nullis laboribus, ut illud habeamus, parcere debemus». Outra autoridade a que recorre é João d' Arbres (Arbório)⁶. Diz Arborius: «Neque nos latet hos bonas margaritas quaerentes, et pretiosas invenientes, sapientes esse».

Rego passa de seguida a falar desses sábios a que se refere Arboreus. São os académicos da Universidade, «que principiando a vir em préstito à Rainha Santa desde o ano mil e setecentos e vinte, em tal dia como o de hoje, em que se contam já oito semelhantes, oito vezes, oito anos, neste oitavo dia». E prossegue: «que coisa é um académico senão um homem de negócio, que vem a esta Universidade buscar letras, para com elas negociar vendendo o justo patrocínio e não o justo juízo? Um homem de negócios vende as coisas conforme a sua bondade; os académicos estimam as suas ciências e as dos outros conforme as suas relevâncias. Aos homens de negócios é permitido enganarem-se uns aos outros pela lei do contrato e não pela divina; entre os académicos por nenhuma lei se permitem enganar. Entre os homens de negócio aquele negocia melhor quem tem mais fazendas, com eles fazem o melhor negócio. Um homem de negócio costuma negociar com

⁵ Juan Maldonado (Maldonatus) (1533-1583), teólogo e exegeta, professor em várias universidades como Salamanca e Paris, escreveu diversos comentários escriturísticos. Vid. Jean-Pierre DELVILLE, *L'Europe de l'exégèse au XVI^e siècle*, Lovaina 2004.

⁶ Jean d' Arbres (Arboreus), doutor em 1536, parece estar dividido entre a sua lealdade eclesiástica e a sua admiração para com os iniciadores da «nova exegese». Na sua *Theosophia* faz a recensão das interpretações possíveis do «logion» de Mateus sobre o divórcio, admira Erasmo, antes de concluir: «...Magis tamen mihi amica est veritas!». Os tomos da *Theosophia* são uma espécie de dicionário alfabético e temático das dificuldades exegéticas, em que demonstra bons conhecimentos, colocados em obras nos diversos comentários (Eclesiástico, Cântico dos Cânticos, Evangelhos, Epístolas). Arboreus foi para os pregadores franceses o que J. Brenz foi para os alemães de Württemberg e do Palatinato.

ouro ou prata; um académico negoceia com a sabedoria que vale mais que todo o ouro» («Nec comparavi illi lapidem pretiosum, quoniam omne aurum in comparatione illius arena est exígua, et tanquam lutum aestimavi illi lapidem argentum in conspectu illius»⁷).

ουδε ωμοιωσα αυτη λιθον ατιμητον,
 οτι ο πας χρυσοσ εν οψει αυτης ψαμμιοσ ολιγη,
 και ως πηλοσ λογισθησεται αργυροσ εναντιον αυτης·

«Até a mesma Universidade é uma praça de negócio. Nas praças tudo são créditos e letras; na Universidade que créditos e letras se não admiram. Nas praças quem tem mais cabedal é o que mais negoceia; na Universidade sendo a sabedoria o cabedal o que mais sabe é o que melhor negoceia. Nas praças muita frequência de negócios; na Universidade muita frequência nos actos. Nas praças negoceia melhor quem mais adquire; na Universidade negoceia melhor aquele que com singular trabalho busca das ciências maiores notícias. Nas praças há corretores, na Universidade a literatura dos académicos é tão notória que não necessita de corretores para que se inculque».

Compara a solenidade do dia com aquela que se fez no templo de Salomão, a grande festividade no sétimo ano, como se lê no livro das Crónicas⁸.

Também os académicos vêm ao grandioso templo onde se guarda a Rainha Santa. Lembra que ele foi edificado por D. Pedro II (como tinha destinado D. João IV), que é comparado a Salomão. Como este, o monarca português foi rei pacífico ao longo de 36 anos de governo.

Passa depois a falar da Arca do Testamento que igualmente sofreu mudanças por três vezes: de Hebron⁹ para a casa de Obededom¹⁰, daqui para o palácio de David, e deste para o Templo de Jerusalém. O corpo de Isabel foi levado de Estremoz para o convento velho de Coimbra, daqui para uma capela interior do convento novo, e deste, solenemente, para a actual igreja. Foi no sétimo mês que se deu a mudança da Arca para o Templo; a do corpo de Isabel foi no mês de Julho que é o sétimo do ano (3 de Julho de 1696).

⁷ Sap 7, 9.

⁸ Em 1 Cr 11-29 fala-se do culto de Jerusalém instaurado por David; e em 2 Cr 1-7 da construção do templo por Salomão e das solenidades da sua inauguração.

⁹ Hebron (Qiryat-Arbé), cidade cananeia, situada a Sul de Jerusalém, onde Davd encontrou refúgio contra Saúl e aí foi proclamado rei. Hoje chama-se El-Khalil (de er-Rahman, “o amigo do Misericordioso”, que é o nome de Abraão no Corão.

¹⁰ Vid. 2 Sam 6, 1-12; 1 Cr 15, 18. 24.

Os académicos, homens de negócio, aperfeiçoaram neste oitavo ano o que tinham feito nos sete anteriores. Encontraram a pérola preciosa de que fala o Evangelho. Hoje está-se a 100 anos depois da sua canonização que ocorreu em 1625.

As filhas de Santa Clara são as pérolas que crescem sob as estrelas, mas há entre estas uma que é especial: “umbilicus Andromedae”, lhe chamam os matemáticos. Isabel é essa pérola à maneira de concha do céu para o seu túmulo e para estas estrelas seráficas do céu a concha desta clausura. Também na criação do mundo tudo era bom e belo. Fala das preciosas pérolas que os Portugueses apanham na ilha de Baharém. Em abono das suas afirmações, Rego alude a Santo Isidoro de Sevilha¹¹. Também aqui poderia aludir a Fr. José da Madre de Deus¹², a Santo Epifânio, citando a frase «Mare spirituale haberis gemmam caelestem Christum» extraída da sua “Oratio de Deipara”¹³, a S. João Damasceno¹⁴, e ainda a António Maria Bonuci (e não Bocini)¹⁵ e ao “doutfssimo” Gislandis OP¹⁶.

¹¹ Isidoro de Sevilha (ca. 560 – 636), arcebispo dessa cidade, tendo sucedido a S. Leandro, escreveu, além das célebres “Etimologias” (que entre 1470-1529 conheceram várias edições e se tornaram um livro de referência especial), outra sobras, como “De fide catholica...”.

¹² Lainez Josephus, castelhano, doutor em teologia em 1635, foi bispo Celsonensis in Catalonia, e distinguiu-se como exegeta e notável pregador. Algumas obras suas: *Sermones de Quaresma*, Toleti 1645 (sob o nome de José da Madre de Deus); *Sermones varii*, Madriti 1645; *El Josue esclarecido caudillo vencedor de Reyes y gentes*, Madriti 1653; *Los dos estados de Ninive cautiva, y libertada de ducidos del libro de Jonas Profeta*, Madriti 1619; *El privado Christiano deducido de las vidas de Joseph, y Daniel, partes duae quarum prima res Josephi expedit*, Madriti 1641. Sobre este autor, vid. Nicolaus Antonius Hispalensis, *Bibliotheca Hispânica*, t. I, p. 619, col. I..

¹³ Santo Epifânio, natural da Palestina, foi bispo de Salamina (hoje Famagusta) de 365 a 403. Desenvolveu uma notável actividade no campo da teologia, da espiritualidade e da polémica, embora por vezes tenha seguido terrenos perto da heresia. Escreveu “Panarion”, “Ancoratus”, etc.. A expressão referida no texto lembra outras a partir de «Mare ex quo manus margaritam elevat. Dant Maria», como «Exmati impuro gemma. Gemmas»; «Impuro rutilam quis speret ab aequore gemmam?», «Sunt tamen aequoreo munera fulsa salo», «Prodit ab impuris virgo maioribus insons»; «Nonne iterum gemmam fundere credis aquas?». – Foi editada a obra *Epiphani, Hesyhii et Chrysippi sermones aliquot, de laudibus beatissimae Virginis Mariae Deiparae* por Jean Picot que as traduziu. O P. Fr. João de S. Geminiano († ca. 1333) é autor de *Tratado da Suma de exemplos; Summa de exemplis et rerum similitudinibus* que ajudam a compreender aquela passagem.

¹⁴ S. João Damasceno (ca. 650-ca. 754), o último grande teólogo da Igreja grega, proclamado por Leão XIII “doutor da Igreja”, deixou uma vasta e valiosa obra de índole dogmática (“Fontes do conhecimento”), polémica (Orações para as imagens sagradas”), exegese e parenética (“Comentário às Epistolas de S. Paulo”), e ascética e moral (“paralelos sagrados”). Também foi poeta, tendo escrito alguns “Hinos litúrgicos”, em métrica quantitaiva clássica e em ritmo acentuativo, mas cuja autenticidade não é certa.

¹⁵ O jesuíta António Maria Bonucci (1651-1728) escreveu *Epítome chronologico, genealogico, & historico dividido em quatro livros*.

¹⁶ Antonius de Gislandis escreveu *Opus aureum ornatum omni lapide precioso ... super euangeliiis totius anni*, Lugduni 23 Nov. 1510.

A comparação de Isabel com outras rainhas merece-lhe uma atenção particular. Recorda que no Antigo Testamento houve rainhas famosas como Ester¹⁷, Abigail¹⁸ e Sabá¹⁹ e fala da formosura de Ester; mas afirma que Isabel a todas excede, pois foi rica em virtude como nenhuma outra, evidenciando a paz que obteve entre o pai e o filho no campo do Lumiar. Lembra ainda a visita que ela fez ao túmulo de Santa Iria que se encontrava oculto sob o rio Tejo, o que só foi possível porque ela ordenou às águas que se dividissem. E recorda que a nascente desse rio é em Espanha, na serra de Albarrazim, citando Gaspar Barreiros na sua *Corografia*.

Fr. Manuel da Esperança é mencionado a propósito da rainha de Sabá, também ela amante das ciências como o foi Isabel. E lembra que assim como a rainha de Sabá se deslocou a Jerusalém para encontrar Salomão, assim alguns monarcas célebres vieram visitar a Coimbra o túmulo de Isabel: D. Catarina da Grã-Bretanha a 11 de Janeiro de 1693, D. Pedro II a 9 de Agosto de 1704, e o imperador Carlos VI, a 29 desse mês e ano. António de Vasconcellos, autor da *Anacephalaeosis* é chamado em abono dos factos relatados²⁰.

¹⁷ Ester é a heroína do livro que tem o sue nome. Na tradição rabínica é chamada “a escondida”. Vivia em Susa e tornou-s esposa do rei Assuero. Sobrinha de Mardoqueu, ela evitou que o ódio de Aman se concretizasse na exterminação dos Judeus. Aman foi morto, o que regozijou imenso os Hebreus dando origem à festa de “Purim”.

¹⁸ Abigail (ou Avigail) era irmã de David (1 Cr 2, 16); há outra mulher com o mesmo nome que era esposa de Nabal, proprietário de rebanhos, residente em Maon, no deserto de Judá. Mais inteligente que seu marido, que tinha recusado às gentes de David um presente, Abigail conduziu uma caravana. Depois da morte do marido, casou com David (1 Sam 25). Rainha Abigail (hebr. *‘abígajil* ou *‘abígal*), significado incerto. Mulher de Nabal no Carmelo, tb. Chamada Abigal ou Abugal. Era «inteligente e bela». Casou com David depois da morte de Nabal (1 Sam. 25, 2-42), tendo-o seguido para Gath, Sikelag e Hebron. Deu-lhe um filho Kilab que se chamou.

¹⁹ O reino de Sabá estava situado a Sudoeste da península arábica. Era seguramente um grupo caravaneiro importante (Jer 6, 20); Ez 27, 22). O profeta apercebe nos tempos messiânicos os habitantes deste país a levarem a Jerusalém ouro e incenso e cantando louvores a Javé (Is 60, 6). O mesmo universalismo aparecem em Sal 10, 15; Is 45, 14).

²⁰ O célebre padre jesuíta António de Vasconcellos, padre jesuíta, nasceu Lisboa e morreu em Évora a 12 de Julho de 1622. Escreveu a *Anacephalaeoses, id est, summa capita actorum Regni Lusitaniae... Accesserunt Epigrammata in singulos reges ab Emmanuele Pimenta, et illorum effigies* (etc.), Antuerpiae 1621, que foi reimpressa em Coimbra em 2 tomos no ano de 1793. O termo grego *ἀνακεφαλαίωσις* (*anakephalaiosis*) significa «recapitulatio» (de «ana» e «kephalos»). No uso profano significa o mais importante, o que é principal, ou repetir. No Novo Testamento, parece duas vezes (Rom 13, 9 e Ef. 1, 10). Santo Ireneu emprega o este termo no sentido de que Cristo é a «cabeça sobre todas as coisas», «o cumprimento e a perfeição de tudo». Santo Epifânio escreveu *Panaria eorumque Anacephalaeosis / ad veteres libros rec. et cum Latina Dion[ysii] Petavii [Denis Petau] interpretatione et integris eius animadversionibus*, ed. Franciscus Oehler”, impresso em Berlim em 1859 (Corpus haereseologicum 2). O mesmo sucede com Metódio, Olimpo, Atanásio, Tertuliano, Hilário e Agostinho. Nicolau de

Rego prossegue o seu pensamento, referindo outras rainhas ilustres do Antigo Testamento, como Atalia²¹, Bethsabé²², Jezabel²³, Michol²⁴ e Vasthi²⁵; e ainda outras, como Artemis, Cleópatra, Semiramis e Zenóbia²⁶.

E refere as rainhas santas canonizadas pela Igreja: Helena, Beltride, Clotilde, Rodegundes (França), Edeltrudes (Inglaterra), Margarida (Escócia), Hedwig (Polónia), Lugdomila e Meltrides (Boémia), e Cunegundes (Francónia)²⁷, às quais o orador junta as Beatas Joana, princesa de Portugal, Teresa, rainha de Leão, e Sancha, infanta de Portugal.

Recorda o milagre da água transformada em vinho, segundo António de Vasconcellos na sua «Anacephalaeosis».

Outras personalidades de que se serve são Damião Cornejo, bispo do Oriente²⁸, o Padre Perpilhão²⁹, e o bispo do Porto, Fernando Correia de Lacerda³⁰.

Cusa fala de Cristo como a «universalidade». Vid. sobre este tema J. RATZINGER, *Volk Haus Gottes un Augustinus Lehre von der Kirche*, München 1954, 198-209; R. HAUBST, art. in *Lexikon für Theologie und Kirche*, Vol. I, 466-467; e art. de H. MERKLEIN, in *Exegetisches Wörterbuch zum Neuen Testament*, vol. I, 197-199.

²¹ Atalia era filha de de Acab e de Jezabel (2 Reg 8, 18)) e casou com Joram, filho de Josafá, rei de Judá. Devido a conflitos surgidos veio a ser assassinada (2 Reg 11, 1-16; 2 Cron 22, 3).

²² Jezabel em hebraico “senhorio, dominação”, era filha de Ethbaal de Tiro, mulher de Acab e mãe de Atalia (1 Reg 18); 1 Reg 19, 1-18).

²³ Bethsabé, mulher de Urias o Hitita, general de David que com ela cometeu adultério. Após a morte de Acab, David casou com ela, e da união nasceu Salomão (2 Sam 11-12; 1 Reg 1, 1-40).

²⁴ Micol era filha de Saul (1 Sam 14, 49) e casou com David (1 Sam 18, 20-27) vindo depois a ser entregue como esposa a um cero Palti. Vid. ainda 2 Sam 3, 12-16; e 2 Sam 6, 20-23.

²⁵ Vasti aparece no livro de Ester; era esposa de Assuero; este repudiou-a pelo que depois da sua morte ela tornou-se rainha (Est 1, 9-22; 2, 1-4)

²⁶ Entre as rainhas referidas aparece Zenóbia que foi rainha de Palmira (séc. III d. C.), cidade que no Antigo Testamento se chamava Tadmor (2 Cr 8, 4).

²⁷ Alguns dados sobre as rainhas santas referidas pelo orador: Santa Bertília, virgem, viveu num eremitério prto da igreja que havia fundado em Maroeuil (França). – Outra Bertília foi abadessa beneditina e nasceu junto a Soissons (França) tendo-se feito monja em Jouarre, perto de Meaux; foi a primeira abadessa de Chelles. – Santa Batilde, esposa de Clovis II, refundou aquela abadia e Bertília saudou-a quando ela se fez monja em 665. – Santa Ludmila morreu em 860 e fundou com seu marido uma igreja perto de Praga. – Santa Cunegundes, imperadora, patrona da Lituânia), casou com Santo Henrique duque da Baviera; foi coroada em Paderborn em 1002. Em 1014 recebeu a coroa das mãos de Bento VIII. Seu marido faleceu em 1024 e ela em 1040, já como monja beneditina.

²⁸ Filho de pai asturiano e mãe toledana, Damião Cornejo nasceu em Palência em 1629, tendo falecido em Orense em 1707. Foi frade franciscano e estudou e leccionou na Universidade de Alcalá matérias escolásticas, exegese, teologia moral e mística. Deixou uma vasta obra de poesis religiosa e de biografia seráfica: *Crónica Seráfica* e vidas de vários santos da sua ordem, como a “Vida de Santa Isabel de Aragón” (Madrid 1896).

²⁹ Pedro João Perpilhão (1530-1566), padre jesuíta espanhol, veio para Coimbra onde estudou humanidades no Colégio das Artes, do qual viria a ser mais tarde professor. Também esteve em Évora, Roma, Lião e Paris. Notabilizou-se como grande humanista, orador sagrado e profundo conhecedor de

Depois de uma alusão a Isabel, rainha da Hungria e sua tia, vem a conclusão em que trata do magistério de Isabel que permanece vivo, como exemplo para os teólogos, os canonistas, os médicos e os filósofos. Cita Jacob de Voragine acerca de S. Lucas: «ante conversionem Paulus erat infirmus, sed hodie mirabiliter a Deo sanatur»³¹. E a concluir vem uma oração pela Universidade.

2. PANTALEÃO DO SACRAMENTO³²: «Simile est regnum coelorum thesauro abscondito in agro» (Mt. 13, 44).

O texto diz completo acrescenta: «quem qui invenit homo, abscondit et prae gaudio illius vadit et vendit universa quae habet et emit agrum illum». O texto grego soa assim:

ομοια εστιν η βασιλεια των ουρανων
θησαυρω κεκρυμμενω εν τω αγρω
ον ευρων ανθρωπος εκρυψεν
και απο της χαρασ αυτου υπαγει
και πωλει παντα | οσα εχει και αγοραζει τον αγρονεκεινον.

Sagrada Escritura. De entre as suas obras destacamos: *Orationes duodeviginti*, Romae 1587 (depois reeditada várias vezes); *De vita et moribus Beatae Elisabethae Lusitaniae Reginae historia*, Coloniae Agrippinae 1609; *Trivm Hvivs Secvli Oratorvm praestantissimorum, Marci Antonii Mvreti Lemonuicis, Caroli Sigonii Mutinensis, Petri Joan. Perpiniani, Societatis Iesv, Orationvm Volumen : Ex Cvivs Libri Lectione ... Cvm Eloqvntiae Latinae studiosi ... fructum percipient, tum M. Ciceronem ... imitandi viam & rationem cognoscent*, Por Marc Antoine Muret. Huic editioni postremae, quae caeteris & elegantior, & emendatior est, rerum memorabilium index accebit”, Ingolstadii 1584; *Orationes*, Veronae 1732; os *Opera* (com uma dedicatória de E. de Azevedo e prefácio de H. Tursellinus e P. Lazerus) saíram em 3 vols., Romae 1749.

³⁰ D. Fernando Correia de Lacerda, formado em Cânones pela Universidade de Coimbra, bispo do Porto, *Historia da vida, morte, milagres, canonização e trasladação de Santa Isabel, rainha de Portugal*, Lisboa 1680, reed. 1735.

³¹ Jacob de Voragine (ca. 1230-1298), arcebispo de Génova, comentador de Santo Agostinho, é conhecido, sobretudo, pela sua *Legenda aurea*, que é uma compilação das vidas lendárias e miraculosas dos santos e santas do calendário litúrgico. Conheceu muitas edições e traduções ao longo dos tempos. Tornou-se uma obra clássica da literatura cristã popular que marcou uma das primeiras tentativas de laicização da literatura religiosa. – *Legenda aurea*, reed. por Johann Georg Theodor Graesse, da ed. de 1890, Melle 2003; *Die Legenda Aurea des Jacobus de Voragine*, trad. do latim para alemão por Richard Benz com um apêndice de Walter Berschin, 14.ª ed., Gütersloh 2004; Linda PAGNOTTA, *Le edizioni italiane della Legenda Aurea: 1475 – 1630*, Firenze 2005.

³² Sermão pregado no Real Mosteiro de Santa Clara em 1679 e impresso por Manuel Dias, impressor da Universidade, 1680. No início figura uma “Canção” em louvor de Pantaleão do Sacramento da autoria de D. Luís Guedes Carneiro. – Pantaleão do Sacramento foi lente de Prima de Teologia, qualificador do Santo Ofício, guardião do colégio novo de S. Boaventura da Universidade de Coimbra e filho menor da regular observância de S. Francisco da província de Portugal.

Começa com um sinal de admiração: porque é que o Reino dos Céus se assemelha a um tesouro escondido e não a um tesouro aberto? E comenta a seguir: o tesouro que se despende é um proveitoso exercício da liberalidade, o que se fecha é um notório impedimento da virtude, o que se gasta é um prémio antecipado do merecimento, o que se enterra é um rico acompanhamento da morte. O que se ressuscita é um evidente milagre da vida. Isabel constitui um tesouro público, pois é para todos. E lembra a visão de Nabucodonosor interpretada por Daniel que em 2, 34 diz: «Lapis sine manibus»³³; em hebraico: לִפְסֵי יָדַי לֹא בָּרַחְתִּי מִיָּדַי

Uma dinastia perpétua nem «todas as dinastias sucessivas encherão» (“uma medida de perpetuidade”); Caetano traduz «Lapis sine nomine»; tornou-se depois estátua, mas já com nome.

Pantaleão do Sacramento explana depois o que significa tesouro escondido, o tema do Reino comparado a tesouro, os dois tesouros e os dois reinos, e as rosas e o dinheiro, aproveitando aqui para explicar a passagem evangélica: «Bonus homo de bono thesauro profert bona; malus...de malo», Mat 12, 35). Os bens terrenos são vaidade: «Vanitas vanitatum, et omnia vanitas» (Ecle 12, 8). O tesouro do céu é a alma da Rainha Santa; o do mundo é Portugal.

O escriba soube interpretar como se lê em Mt 13, 52: «Ait illis ideo omnis scriba doctus in regno caelorum similis est homini patri familias qui profert de thesauro suo nova et vetera».

Ὁ δὲ εἶπεν αὐτοῖς. Διὰ τοῦτο πάς γραμματεὺς
μαθητευθεὶς τῇ βασιλείᾳ τῶν οὐρανῶν ὅμοιός ἐστιν
ἀνθρώπῳ οἰκοδεσπότη ὅστις ἐκβάλλει ἐκ τοῦ θησαυροῦ
αὐτοῦ καινὰ καὶ παλαιά.

Isabel viveu 65 anos, de 1271-1336, tendo a sua passagem pela terra sido coroada de tesouros, como escreveu o Apóstolo das Gentes em Col 2, 3: «In quo sunt omnes thesauri sapientiae et scientiae Dei»; e seguiu o ensinamento de Cristo: «Nolite thesaurisari vobis in terra ubi aerugo et tinea demolitur, et thesaurisate vobis in coelo...» (Mt 6, 19-20). Em Mt 6, 2 ensina o Senhor: «Ubi enim...ibi cor

³³ Alonso Schökel comenta: trata-se de um sonho e de uma interpretação, de um relato brilhante, de ironia. Os magos e os não conseguem entender, mas Daniel vem a desvendar o sonho. No fundo, o sonho é uma alegorias sobre a sucessão de impérios. Uma estátua é, para a mentalidade bíblica, “obra de mãos humanas”; enquanto a pedra de desprende da montanha sem mãos humanas: Lembra a estátua que Moisés reduziu a pó (Ex 32). Deus é um salvador escatológico; Nabucodonosor não pode fundamentar.

tuum», que lembra Prov 23,26: «Fili, praebe mihi cor tuum» e Mt 12, 40: «Erit filius hominis in corde terrae»

E comenta: «A um tesouro que se esconde, Senhor, a um tesouro que se esconde, e não a um tesouro que se despende; a um tesouro que se fecha e não a um tesouro que se gasta; a um tesouro que se enterra e não a um tesouro que se ressuscita, é semelhante o Reino do Céu». Ao mesmo tempo, tesouro escondido e tesouro aberto.

Interroga-se: como se esconde, como se fecha? Como é antigo e é novo? Tesouro é logo o reino para Santa Isabel, e para o céu é Santa Isabel tesouro. Isabel com o Reino do Céu, e o céu com o tesouro de Isabel. Escondido para os antigos, público para os presentes.

Também Cristo escondeu a sua majestade divina. Santo Ambrósio escreveu: «Manifestum est neutrum Domino defuisse in cruce, justitiam morientis et majestatem imperantis»

Fala das pratas que serviram para esmolas. Em Cristo, «in quo sunt omnes thesauri» (Col 2); «appartuit humanitas, et benignitas» (Tit 30); Lc 2); «Puteus altus est» (Io 4, 6) sobre a Samaritana, mas também fonte, a fonte de Sicar.

Apoia-se em S. Tomás que trata das virtudes e dos milagres: «Miraculorum a se factorum maximum». Os milagres fizeram célebre o tesouro, milagres e virtudes encontram-se em simultâneo. E o Santíssimo Sacramento que estava exposto é o maior e o melhor tesouro de virtudes e de milagres.

Sêneca escreveu: «Amor vel pares invenit vel facit» e Santo Agostinho: «Anima magis est ubi amat, quam ubi animat»³⁴. A amizade e o amor, como entre Jónatas e David, são enaltecidos pelo orador que fala da união íntima com Deus.

Escondeu no campo que é o mundo o seu tesouro do céu, como disseram Lipomano³⁵, Hugo³⁶ e outros que comentaram a frase «In agro mundi».

³⁴ «Amor vel pares invenit vel pares facit» (A amizade ou encontra iguais ou faz iguais. A amizade deve achar a igualdade ou estabelecê-la); vid. também «Amicitia pares aut accipit, aut facit».

³⁵ Lipomano (antes de 1500 – 15 de Agosto de 1559, cardeal, hagiógrafo, participou no concílio de Trento. Escreveu: *Catena in Genesim* (Paris, 1546), *In Exodum* (Paris, 1550); *Confirmazione e stabilimento di tutti li dogmi cattolici... contro i novatori* (Venice, 1553). A sua obra prima é *Sanctorum priscorum patrum vitae* (8 vols., Venice, 1551-60; 2 vols., Louvain 1564).

³⁶ Hugo de S. Caro, OP (ca. 1190-1263). A sua obra principal é *Sacrorum bibliorum concordantiae*, que é uma concordância bíblica. Também autor dos mais antigos correctórios bíblicos. Grande professor de teologia da Universidade de Paris, ao lado de Alberto Magno, Tomás de Aquino e Boaventura. Revelou-se grande teólogo. Célebre ficou o seu *Correctorium biblicum* (*Correctorium Hugonis* e *Correctorium Praedicatorum*). As suas *Postillae in universa Biblia juxta quadruplicem sensum, litteralem, allegoricum, moralem, anagogicum* foram editadas várias vezes. É considerado como o pioneiro das Concordâncias Bíblicas. Outras obras de Hugo de S. Caro: *Speculum Sacerdotum et Ecclesiae*; *Sermones dominicales*, *Sermones de Tempore et Sanctis*; *Commentarius in IV. libros Sententiarum*.

O percurso de Isabel de Aragão, desde Castela a Portugal, passando por Trancoso, Lisboa, Évora, Estremoz, Alenquer, Santarém, Coimbra, Porto, Arrifana, Compostela, eis o espaço por onde se desdobrou a vida de Isabel. E comenta: «A esfera da santidade é mais dilatada que a das monarquias. Mais terras ocupa um santo com a virtude que um rei com o império». E cita Amonius Nicephor.

«Na santa Rainha achamos o ser nova neste convento; e o ser no outro eterno; porque quase trezentos anos que nele esteve este tesouro escondido bastaram para nos deixar este tesouro eternizado».

3. FR. LEONARDO DA CONCEIÇÃO³⁷: «Profert de thesauro suo nova» (Mt. 13, 52)

O texto latino diz: «Ait illis: Ideo omnis scribe doctus in regno coelorum similis est homini patrifamilias, qui profert de thesauro suo nova et vetera».

Em grego:

ο δε ειπεν αυτοις δια τουτου πασ γραμματευσ
μαθητευθεισ τη βασιλεια των ουρανων ομοιοσ
εστιν ανθρωπω οικοδεσποτη οστισ
εκβαλλει εκ του θησαυρου αυτου καινα και παλαια.

Fr. Leonardo inicia a sua oração dizendo que os escritores têm dissertado muito acerca do coração do homem. Há quem diga que deriva de COR («Cubículo da Omnipotência Real» ou «Cubiculum Omnipotentiae Regis» ou «Cura omnium rerum»). O coração, «COR» como «cubiculum omnipotentiae regis» a «cura omnium rerum» provém «cor» de «cura», pergunta o orador? Alega vários passos bíblicos sobre o termo «cor» (hebr. *leb*).

«O coração do homem é aquele gabinete de regalo que o Omnipotente Rei pede ao mesmo homem para ter com ele as suas delícias»³⁸. «In hac mensa novi Regis, novum Pascha novae Legis», lê-se a propósito da Eucaristia, o maior sinal do amor de Deus pelos homens. Cita Prov 23, 26: «Praebe, fili mi, cor tuum mihi.

³⁷ Pregado na igreja da Ordem Terceira Seráfica da cidade da Baía a 4 de Julho de 1762 e impresso em Lisboa por Francisco Borges de Sousa em 1763. O sermão foi dedicado a Joaquim Inácio da Cruz, cavaleiro da Ordem de Cristo, académico supranumerário da Academia Brasílica dos Renascidos e ministro da Ordem Terceira, etc. – Fr. Leonardo era frade menor da Província de Santo António do Brasil, dela pregador, ex-definidor e seu comissário-visitador.

³⁸ Alonso Schökel diz que o coração representa a interioridade consciente e responsável do homem (Rom 2, 15), a sede da fé (Rom 10, 9-10), nele habita Cristo (Ef 3, 17), origem da conduta ética (Mt 15, 19-20).

Delitiae meae esse cum filiis hominum»); 8. 31; 1 Reg 16, 7 («Dominus autem intuetur cor»; Lc 6, 45: «Bonus homo de bono thesauro cordis sui profert bonum»: «O homem bom tira coisas do bom tesouro do seu coração, mas o homem mau tira do seu mal coisas más, porque a boca está fala daquilo de que o coração está cheio».

Isabel é o sol das majestades: «Sol foveat et ornat», é a margarida de todas as rainhas: «Veluti margarita nascitur involuta» («sol foveat et ornat».

Ele vai desenvolver outra hipótese: tirou do seu coração preciosidades. As virtudes são a coroa dos justos, como se diz em Ecli 45, 9 sobre Aarão: «Coronavit eum in vasis virtutis». «Virtutibus coronam plectens gloriosam». Tirou a coroa do seu tesouro para se coroar com ela. Abandonou a púrpura de rainha e vestiu o saial de terceira franciscana, coroa superior e imortal. De coroa mortal e caduca para outra imortal. Tirou do tesouro do seu coração as mais preciosas jóias de virtudes para com elas fabricar a coroa que pretendia. A pobreza e a humildade que abraçou como terceira penitente foram as jóias de maior valor com que fabricou a sua nova coroa, trocando com feliz eleição uma coroa mortal e caduca por uma coroa imortal e gloriosa. Cita a propósito Mt 23, 12: «Qui se humiliat exaltabitur».

A Venerável Ordem Terceira é mãe de tão benemérita filha que trocou a púrpura de rainha pelo saial da Terceira. E tirou da sua coroa tesouros muito valiosos (2 Pet 1, 4: «Ut per haec efficiamini Divinae consortes naturae»).

O tema da paz vem depois realçado («Et in terra pax hominibus») a propósito da concórdia obtida entre o pai e o filho. Cristo lavou os pés aos discípulos como sinal de paz e amor. Ele é o modelo de paz para a humanidade (Col 1, 20: «Pacificans per sanguinem crucis eius»). Isabel ficou como retrato vivo de Cristo.

Fala da sua vinda de Estremoz para Coimbra e da sua viagem a Santiago de Compostela. Duas vezes foi a Compostela visitar as relíquias de S. Tiago: na primeira ofereceu dádivas, como rainha; na segunda, pediu esmolas, como terceira franciscana. Mais importantes foram as esmolas que distribuiu pelos necessitados. Oscilou entre a grandeza e a dedicação aos humildes e disfarçou a majestade sob o saial penitente de terceira. Como Cristo que não quis a coroa, mas no fim foi coroado («Distribuit» e «sitio»). Paulo recomenda em Fil 2, 7: «Hoc enim sentite in vobis, quod et in Christo Iesu; qui cum in forma Dei esset, non rapinam arbitratus est esse se aequalem Deo, sed semetipsum exinanivit, formam servi accipiens, in similitudinem hominum factus, et habitu inventus ut homo».

O texto grego apresenta:

εν ομοιωματι ανθρωπων γενομενος και
σημηματι ευρεθεισ ως ανθρωπος.

Encontramos nessa passagem a conhecida doutrina paulina da “kénosis”³⁹.

Fala dos últimos momentos da vida de Cristo, lembrando ainda que no deserto Ele dispensou tudo o que Lhe era oferecido preferindo ao longo da vida oferecer dádivas aos homens. No deserto Cristo distribuiu e na cruz afirmou: «s-
t-
tio». Quanto a Isabel: «Elisabeth tunc Regina, cum nihil reginae haberet». Pedia de porta em porta para ajudar os outros. Isabel distribuiu dádivas como Cristo («Distribuit panes»); este ao inclinar a cabeça despediu-se do mundo («Regnum meum non est de hoc mundo»).

Desenvolve o tema da coroa de Isabel, citando Ap. 4: «Viginti quatuor seniores mittebant coronas suas ante thronum». As coroas significavam a glória⁴⁰. Em Sap. 2, 8 lê-se: «Coronemus nos rosis»⁴¹.

Cita bastante o Apocalipse para evidenciar a grandeza de Isabel. Em Ap 4, 1-4 lê-se: «Post hæc vidi: et ecce ostium apertum in cælo, et vox prima, quam audivi tamquam tubæ loquentis mecum, dicens: Ascende huc, et ostendam tibi quæ oportet fieri post hæc. Et statim fui in spiritu; et ecce sedes posita erat in

³⁹Acerca do termo «kenosen», M. Latike diz que só Paulo o utiliza e significa «esvaziar», sendo o oposto de «pleroo». Quanto a Fil 2, 7, escreve aquele autor: «Umstritten ist die Beduetungung der vorpaulnischen textten hymnischen Aussage «eauton ekenosen», die im griechischen.bisher sonst nicht belegt ist. Zwar hat die Stelle auf die ganze spätere dogmatische Kenosis-Diskusion eingewirkt», der in der Väterzeit häufig verwendete Begriff «kenosis» (vid. PGL 744-746) findet sich aber noch nicht im NT». Remete o autor para Is 53, 12 e Jer 18, 4). E conclui: «Dass der Tod nicht ausgeblendet, vielmehr als gehorsame Konsequenz der Menschwerdung beim Namen genannt wird, zeigt den radikalen Realismus des schon vor Paulus verkündeten Heilsgeschehens» (in *Exegetische Wörterbuch zum Neuen Tetsament*, vol. II, 2.^a ed., Stuttgart-Berlin-Köln1992, cols. 696-698). – Alonso Schökel traduz «xinanivit» por «esvaziou-se». E diz que «ekenosen» tem uma curiosa assonância com «eskenosen» de Io 1, 14, expressão audaz e vigorosa, que nos faz penar por contraste na plenitude; humilhou-se (v. 8) é um equivalente mais suave. A condição de escravo é simplesmente a condição humana submetida a Deus. Torna-se à imagem e semelhança («homoiomati») do homem, dos homens. Quanto à expressão «in forma» («morphē») explica que o termo admite várias interpretações: forma externa, aspecto (rasgos?), forma interna ou condição; imagem ou natureza. Também se discute o significado de «rapinam» («harpagmon») que se pode verter por alarde de algo possuído retendo-o ou rapto de algo alheio; a frase nega, não emitiu juízo.

⁴⁰ Alonso Schökel explica a liturgia celestial de que fala a passagem do Apocalipse: Sch. Liturgia celestial (vid. Ez 1, 26-28; 1, 5-13). Começa com os elementos contidos em Dan. 2, 28-29 e Ez 2, 2. O vidente tem que subir ao céu, porque ali se revla a história próxima da terra (1, 1). O trono celeste (Is 66, 1; Sal 11, 4, é o sinal da majestade real (Sal 45, 7). Deus aparecerá sentado, entronizado (Sal 93, 2; 97, 2, etc.). Liturgia diferente das antigas que recordavam coisas do passado: saída do Egipto, aliança, Páscoa, esta fala do futuro, com hinos e gestos, mas não sacrifícios. Personagens: Deus e o Cordeiro – 24 anciãos ou senadores; 4 seres vivos; militares e milhões de anjos que completam a corte celestial prestam serviço permanente. Os sete espíritos são o Espírito multiforme na sua actividade. – Gestos da liturgia: prostração de homenagem ou adoração – Hinos e aclamações – As pedras preciosas conhecidas no AT sugerem uma beleza luminosa. O fogo como elemento da divindade (Gen 15, 17) – O mar cristalino pode proceder de Ez 1, 22, é o mar superior (Gen 1, 6-8).

⁴¹ A *Nova Vulgata* lê: «Coronemus nos calcybus rosarum, antequam marescant».

cælo, et supra sedem sedens. Et qui sedebat similis erat aspectui lapidis jaspidis, et sardinis: et iris erat in circuitu sedis similis visioni smaragdinae. Et in circuitu sedis sedilia viginti quatuor: et super thronos viginti quatuor seniores sedentes, circumamicti vestimentis albis, et in capitibus eorum coronae aureae». Isabel conta-se entre os eleitos de Deus e, por isso, merecedora de ser coroada.

Salmerón chama ao título da cruz livro: «in hoc libro nomina electorum»⁴² e Alonso Schökel desenvolve os temas do Cordeiro e do rolo em nota à sua versão do cap. 5.

Continua o autor o seu pensamento aproveitando vários textos escriturísticos: Sal 10, 17: «Desiderium pauperum exaudivit Dominus, praeparationem cordis eorum audivit auris tua»; Ex. 25, 40: «Aspice et fac secundum exemplar, quod tibi monstratum est»; Prov 31, 29: «Multae filiae congregaverunt divitias; tu supergressa es universas». Os LXX: «Multae filiae fecerunt virtutes; tu ascendisti super universas ipsas».

Na parte final volta a servir-se de Prov 31, 29, que a Vg traduz: «Multae filiae congregaverunt divitias; tu supergressa es universas»; e a Nova Vulgata: «Multae filiae fortiter operatae sunt, tu supergressa es universas»; os LXX: «Multae filiae fecerunt virtutes; tu ascendisti super universas ipsas».

Em Ex 25, 40 diz-se: «Aspice, et fac secundum exemplar, quod tibi monstratum est», o que aplica a Isabel: ela trocou a púrpura pelo saial. Mas sobressai a todos; em Prov 31, 29 lê-se: «Multae filiae congregaverunt divitias; et tu supergressa es universas»; os LXX: «Multae filiae fecerunt virtutes; tu ascendisti super universas ipsas».

Conclui com um oração pela cidade da Baía: «Lembraí-vos também desta nossa ilustre cidade, que é uma nobre porção do vosso reino; para que defendida com a espada, e com a pena de dois ilustríssimos Césares, não tema os sanguinolentos estragos da guerra». E também ora pela venerável ordem franciscana de que Isabel foi ornamento singular.

4. FR. HORTÊNSIO FÉLIX PARAVICINO Y ARTEAGA⁴³: «Símile est regnum caelorum thesauro abscondito in agro» (Mt. 13, 44).

Começa por dizer que há uma semana havia pregado no Real Mosteiro das Descalças sobre o mesmo tema. – «...Isabel, mulher de D. Dinis, natural senhora

⁴² Alonso Salmerón SJ, teólogo, viveu entre 8 de Setembro de 1515 e 13 de Fevereiro, foi professor na Universidade de Alcalá e noutros institutos de ensino. Participou no concílio de Trento e deixou uma vasta obra teológica e exegetica.

⁴³ Sermão recitado em Madrid em 1625 para celebrar a canonização de Isabel de Aragão. – Fr. Hortensio Félix Paravicino y Arteaga nasceu em Madrid a 12 de Outubro de 1580. Em Salamanca

daquele breve, mas nenhum mais glorioso império, altivo vlima em engenhos e alientos; em letras e armas, digo, que desde o Poente do mundo chegaram a desafiá-lhe, ou antes a vencê-lo nos seus «azueros» a lua do sol, sendo suas prodigiosas façanhas as primeiras que de verdade lhe tiraram o parecê-lo».

Traça a biografia de Isabel salientando alguns aspectos: era filha de Pedro III, nono rei de Aragão, e de Constância, filha de Manfredo, rei da Sicília, e neta de Frederico II imperador de Alemanha, ou seja, «na miséria humana divina origem». Origens nobres as de Isabel.

Põe em destaque o seu espírito de penitência e de arrependimento, citando Tertuliano: «Iam inde in semetipso paenitentiam dedicavit»; diz Job: «Nequam ultra maledicam terrae propter homines»; Tertuliano escreve: «Bona ista levitas quae ad meliora ducit» e Santo Agostinho acerca de Gen 1, 26: «Faciamus hominem ad imainem et similitudinem nostram». As citações bíblicas sucedem-se: «Facite vobis saculos qui non veterascunt» (Lc 12, 33)⁴⁴.

Lembra outras canonizações anteriores como a de Inácio de Loiola, de Teresa de Jesus, de Santo Isidro e de Francisco de Borja⁴⁵, para concluir: «E hoje, finalmente, nos mostra Cristo canonizada, não em cinzas, mas a incorruptibilidade de outra Isabel rainha nossa. Nossa, digo, porque portugueses e castelhanos espanhóis somos todos. Que cosmógrafo invejoso de umas e outras armas, de uns e outros engenhos nos dividiu? Ditosa desgraça, digna de choro e de gozo, a que em tão majestoso laço coroou ambos os povos».

Chama a atenção para o seguinte: paradoxo: «...que Santa Isabel de tal maneira foi rainha que deixou quantos aparatos eram de tal: a coroa de Portugal pelo véu de Santa Clara; os tabies, espolines e lamas de Milão, pelos saiais, xergas, sacos de Francisco; as mesas reais pelos jejuns religiosos; os saraus pelo trabalho; as mercês pelas esmolas; os jardins pela oração».

estudou Directo Civil e Canónico e ingressou na ordem da Santíssima Trindade em 1599. Graduou-se depois em Teologia. Morreu em Madrid a 12 de Dezembro de 1633. Cultivou a poesia e tornou-se célebre pelos seus sermões. Felipe III nomeou-o pregador régio. Manteve uma grande amizade com El Greco a quem dedicou alguns sonetos. O pintor fez um retrato de Félix Paravicino que este guardava na sua cela. Trata-se de uma preciosa obra de arte conservada no Museo de Belas Artes de Boston. O ilustre orador teve igualmente estreitas relações com Luis de Góngora, Quevedo e Lope de Vega. Como escreve alguém é provável que o frade fosse o centro de atenção dum círculo de intelectuais e artistas da época.

⁴⁴ O v. 33 completo soa assim: «Vendite quae possidetis, et date eleemosinam. Facite vobis saculos qui non veterascunt, thesaurum non deficientem in caelis, quo fur non appropriat, neque tinea corrumpit». E o v. 34: «Ubi enim thesaurus vester est, ibi et cor vestrum erit» (grego: «oppou gar estin o thesauros umon, ekei kai e kardia umon estai»). Vid. Sal 62, 11; Job 31, 24-25.

⁴⁵ Inácio foi canonizado por Gregório XV em 1622, Teresa de Jesus (idem), Isidro (idem), Francisco de Borja (beatificado por Urbano VIII em 1631 e canonizado por Clemente X em 1670).

A peregrinação a Compostela lembra-lhe Gen 32, 10: «In baculo meo transivi Iordanem» servindo-se de Santo Ambrósio. Acerca de Estremoz, diz que é «pátria de Barros formosos e terra vermelha como carmin». Caminhante no calor de Julho.

A sua incorruptibilidade aflora na passagem bíblica: «Nec dabis sanctum tuum videre corruptionem» (Sal 15, 10; Act 2, 27). Acerca dos seus milagres refere Tertuliano («Tactus dolore cordis») e Santo Agostinho: «Duo sunt tortores animae, non simul torquentes, sed cruciatum alternantes, quae nec dari possunt ab hominibus, nec auferri». Cita ainda Próspero: «Omne bonum mundo concretum, et tempore partum, quacumque amitti conditione potest. At Bona, quae vere Bona sunt, nec fine tenentur. Semper habet quisquis semper habere cupit». Cita ainda Ambrósio Ruperto⁴⁶, Alude ao palácio real de Santarém, mas logo passa para a humildade que praticava: Job: «Oculus fui caeco pes claudus» – «Viditque omnis populus cilicium, quod induebatur ad carnem intrinsecus»; «Venditque omnia quae habuit» (Mt 13, 46)⁴⁷, recorda a ressurreição de Tabita⁴⁸, fala dos jejuns e esmolas que deu: «Qui substantiam Dei pastus, omnia mortalia oblitus est adiumenta»⁴⁹.

Apoia-se noutros autores da Patrística: Tertuliano escreve: «Et parem re vera pari, ieiunio clarus ab qui non ieiunibat, benedicitur»; Ireneu: «Quid mihi et tibi est mulier?: «Properante Maria ad admirabile vini signum, Dominus repellens festinationem, dixit: Quid tibi...? E alude a Rebeca referendo Tertuliano quanto ao facto de o corpo de Isabel permanecer incorrupto: «Et capillus de capite vestro non peribit» («Ipse filius, et non sapiens, et non stat in contritione filiorum»).

⁴⁶ Robert (ou Rupert) de Deutz (1075-1130), flamengo, foi beneditino do mosteiro de S. Lourenço, perto da abadia de Deutz.

Escreveu vários tratados teológicos, como *De voluntate Dei*, e *De omnipotentia Dei*. Foi abade de Deutz, filial de Siegburg, na margem direita do Reno, de frente a Colónia. Foi um precursor da verdade da Imaculada Conceição.

⁴⁷ Na parábola da pedra preciosa: «Inventa autem una pretiosa margarita, abiit et vendidit omnia quae habuit et emit eam».

⁴⁸ Tabita, nome aramaico, significa “gazela”. Era uma cristã de Jopa muito caritativa. Morreu enquanto S. Pedro estava em Lida. S. Pedro veio e ressuscitou-a (Act 9, 36-42).

⁴⁹ A margarida tem uma longa tradição nas civilizações da Índia, Mesopotâmia e Pérsia. Plínio diz: «principium ergo. Columenque omium rerum pteii margaritae tenet» (*Historia naturalis*, IX, 106). No NT ocorre nove vezes; em Mt (3), em Tim (1) e no Ap (5).

5. ANDRÉ DOS REIS⁵⁰: «Simile est regnum coelorum fermento, quod acceptum mulier, abscondit in farinae satis tribus donec fermentatum est totum» (Mat. 13, 33).

Em grego:

αλλην παραβολην ελαλησεν αυτοις
ομοια εστιν η βασιλεια των ουρανων
ζυμη ην λαβουσα γυνη ενεκρυψεν
εις αλευρου σατα τρια εως ου εξυμωθη ολον.

O fermento tem por officio dar com o seu contacto ao pão gosto. O céu com sua esperança dá alívio. O fermento com seu calor corrompe as frialdades da massa para que o pão fique para gosto saboroso; é necessário que o céu com suas esperanças corrompa as tibiezas da alma para que o Espírito fique, para os sabores do Eterno alentado. É desabrido o pão a quem o fermento não aquece; é desanimado o Espírito a quem a esperança do Céu não aviva.

Dá grande importância à sinaxe que significa a caridade; é a união da Igreja, o «fermentum», a «charitas» que congrega todos os fiéis. “Synaxis” provém do grego *synaxis*, de *synago*, significa reunião, assembleia, reunião. Equivale ao latim *collecta* (de *colligere*), e corresponde a sinagoga (*synagoge*), o lugar de reunião. No uso cristão e litúrgico a Sinaxe é a assembleia para qualquer função religiosa, quer em sentido abstracto (*nomen actionis*) quer em sentido concreto (em alemão *Sammlung* e *Versammlung*)⁵¹. Deve distinguir-se entre o uso litúrgico (Eucaristia) do uso não litúrgico (orações, leituras, etc.). Nos textos medievais lê-se: “Vespertina Synaxis”, “ad concludendam synaxim”.

O fermento segundo a glossa moral é a caridade. Os Padres chamavam-lhe «synaxis», ou seja união, id est unio⁵². A Eucaristia é o memorial da paixão de Cristo. «E um tesouro da liberalidade divina: «immensum divinae largitatis beneficium». A sua liberalidade aparece na passagem do ouro para as rosas.

Recorda a peregrinação de Isabel a Compostela: «Quem vir em Compostela tantas riquezas, ornamentos, lâmpadas, cruces, cálices, conhecerá que só as

⁵⁰ Impresso em Lisboa por Henrique Valente de Oliveira em 1659. – André dos Reis era carmelita descalço. No Convento de S. Clara.

⁵¹ O verbo *synago* ocorre frequentemente no Novo Testamento (Ac 11, 26; 14, 27 etc.), mesmo para serviços judaicos e concílios (Jo. 11, 47). Vid. art. de E. Peretto, in *Dizionario Patristico e di Antichità Cristiana*, vol. II, 3213. Ainda a *Dídaca*, 9, 4; 14, 1) a primeira carta de Clemente, 24, 7; em geral para a reunião da Igreja (Inácio, “Magn.”, 10, 3).

⁵² O vocábulo «fermentum» aparece na Bíblia em Ex. 12, 19; 1 Cor 5, 6; Mat 13, 33; 1 Cor 5,7; Mat 16, 6. 11; Mc 8, 1; 1 Cor 5, 8.

podia dar uma Rainha Santa, ainda que ela por disfarçada peregrina não seja conhecida: que a liberalidade com mais créditos de divina é aquela em que a pessoa é conhecida na dádiva e não conhecida em si mesma.

Paz, fortaleza e liberalidade, o trono e o túmulo – eis outros temas desenvolvidos pelo orador.

6. ANTÓNIO VIEIRA⁵³: «Símile est regnum coelorum homini negotiatori, quaerenti bonas margaritas. Inventa autem una pretiosa, abiit, et vendidit omnia, quae habuit, et emit eam» (Mt. 13, 45-46).

Texto grego:

παλιν ομοια εστιν η βασιλεια των ουρανων
ανθρωπω εμπορω ζητουντι καλους μαργαριτας
ευρων δε ενα πολυτιμον μαργαριτην
απελθων πεπρακεν παντα οσα ειχεν και ηγορασεν αυτον.

Vieira começa por dizer que Isabel ou, por antonomásia, a Rainha Santa, foi rainha duas vezes: coroada na terra e coroada no céu, uma que dá a Fortuna e aquela que é sobre todas as Fortunas.

Há três qualidades em ter em consideração: o cabedal («Omnia quae habuit»), a diligência («Quaerenti bonas margaritas») e a ventura («Inventa una pretiosa»), ou seja, há o rico, o diligente e o venturoso. Importante é que com os bens da terra se saiba negociar o Reino do Céu.

Este mundo, diz o padre António Vieira, é composto de tantas variedades de estados, officios e exercícius públicos, políticos e económicos, sagrados e profanos, mas nenhuma coisa é o mundo senão uma praça ou feira universal, instituída e franqueada por Deus a todos os homens, para negociarmos nela o Reino do Céu.

Fala da parábola dos talentos: «Negotiamini dum venio» (Lc. 24, 13): uns sem cabedal, outros com cabedal mas sem diligência, outros com cabedal e diligência, mas sem ventura.

Nas coisas do Reino de Deus não é assim. Deus dá o cabedal (talentos da natureza), oferece a ventura (auxílios da graça) e a diligência (cooperação das obras). Aquele que só tinha um talento possuía maior cabedal, mas também maior ganância.

A Rainha Santa apresentou-se com maior cabedal: uma coroa e outra coroa, de Aragão e de Portugal, com pérolas e com coroa. A este respeito cita Plínio:

⁵³ Sermão pregado em Roma, na igreja de Santo António dos Portugueses, em 1674.

«Una foeminarum in omni aevo Lacedemonia, reperitur, quae Regis filia, regis uxor, regis mater fuit» (*De Summa Felicitate*).

Isabel era filha de rei, mulher de rei e mãe de rei. Não lhe faltavam brasões. Mas, na Bíblia, é o homem quem negocia, não a mulher. Contudo a essa objecção temos: «Mulierem fortem quis inveniet?». Ou seja «fortem, virilem, viraginem». É certo que houve Judit, Jahel e Débora⁵⁴. Salomão em Prov. 21, 10. 11. 15. 18 diz: «Agrum emit: syndonem vendidit; et vidit, quia Bona est negotiatio eius». Isabel negociava como o homem do Evangelho: com cabedal («Dedit praedam domesticis suis», com diligência («Non extinguetur in nocte lucerna eius») e com ventura («Multae filiae congregaverunt divitias, tu supergressa es universas».

Isabel como rainha estava revestida de ornamentos: «Purpura, et byssus indumentum eius»; e era espanhola: «Procul, et de ulimis finibus pretium eius»; e era aragonesa: «Et spoliis non indigebit».

Isabel negociou e negociou bem: do reino da terra para o do céu. Foi rainha e santa: «Com a coroa de rainha negociou ser maior rainha. Maior rainha, porque santa; e maior santa, porque rainha».

A primeira parte gira à volta deste tema: rainha e santa: e porque santa, maior rainha. Começa por afirmar que o maior cabedal que pode dar o mundo é uma coroa, mas para conquistar o Reino do Céu não servem as coroas terrenas. O rei não aparece no evangelho a conquistar o céu; quem aparece são os lavradores, os mercantes, os pescadores, os letrados, mas nunca os reis.

É certo que há as parábolas dos reis : «Regi, qui fecit nuptias filio suo» (Mt 22, 2); «Intravit rex, ut videret discumbentes» (ibid., 11); «Quis rex iturus committere bellum adversus alium regem» (Lc. 14, 31); «Abiit in regionem longinquam accipere sibi regnum» (Lc. 19, 12). Mas não de diz que conquistaram o Reino, porque este é dos pequenos: «Sinite parvulos ad me venire, talium est enim regnum caelorum» (Mc. 10, 14).

Abundam as bodas, os banquetes, as festas, as comédias, mas conclui-se que as coroas não são boa mercadoria. É certo que houve reis santos, como David, Ezequiel e Josias, mas apenas três!

⁵⁴ Judit, heroína do livro que tem o seu nome. Defendeu a cidade de Bethulia introduzindo-se junto de Holofernes que veio a assassinar. Aparece como a personificação do povo hebraico. – Jahel, mulher de Haber, em tempo de guerra contra os Cananeus (séc. XII a. C.) matou Sísara (Ju 4, 17-222; 5, 6. 24). – Débora (hebr. “abelha”, profetiza da confiança dos Israelitas e regula os seus litígios. No mesmo contexto de Jahel. Débora ordena então a Barak para marchar contra o rei cananeu (Ju 4). Depois da vitória os guerreiros entoam um cântico que é provavelmente o mais antigo da Bíblia. «Aqueles que te amam, que eles sejam como o sol quando se levanta na sua força»

Mais difícil era ser rainha e santa, até porque se praticava a poligamia. Só Ester foi rainha e santa. Apenas um caso! Uma razão para Vieira é que a vaidade da mulher é obstáculo à santidade. Fala de Vasti, Jezabel, Atalia, mas que diferença em relação a Isabel de Aragão! Diz o Abulense⁵⁵: «Quia foemina erat».

A santidade da rainha Santa assentava em ser mulher e na coroa que possuía. Ambos metais, um tão frágil, outro tão precioso, mas deles levantou a peanha que a estátua de Isabel ergueu até às estrelas.

Vieira passa a explicar com o seu estilo próprio o facto de Isabel deixar a coroa mas sem a deixar; demitiu-se sem se demitir, renunciou-a sem a renunciar. Rainha cuja coroa principal eram o cilício, o jejum, a oração, a esmola. Cita S. Paulo numa passagem célebre da Epístola aos Filipenses: «Qui cum in forma Dei esset, exinanivit semetipsum, formam servi accipiens» (Ph. 2, 7). Deus fez-se homem, como que se esvaziou da divindade: «...uniu ao que tinha tudo o contrário do que tinha», ou seja, despojou-se. O mesmo sucedeu com Isabel.

E pergunta Vieira: porque não abandonou tudo? Responde: conservou o cabedal de rainha para ser maior santa, e alude a Abraão e a David.

A tese dos contrários vem desenvolvida a seguir servindo-se de Santo Agostinho: «Audiat omnis aetas, quod nunquam audivit»: «Virgo partu suo, virginitem, dum peraret, duplicavit». Como Isabel que soube juntar a virtudes com os seus contrários.

S. João no Apocalipse fala do sinal grande no céu: «Signum magnum apparuit in coelo» (Ap 12, 1; 12, 1). A lua, o sol e as estrelas figuram como aspectos desse sinal, mas ainda maior é o sinal dado por Isabel.

O místico de Patmos acrescenta: «E datae sunt mulieri duae aquilae magnae, ut volaret». Era águia, e águia grande: a Espanha é a águia grande, as asas são Aragão e Portugal. Na antiguidade dividia-se a Espanha em Hispânia Bética, Hispânia Tarraconense e Hispânia Lusitana. O corpo e a cabeça era a Bética; uma das asas Espanha a Tarraconense (Aragão); a outra a Espanha Lusitânica (Portugal). Isabel enquadra-se neste esquema idealizado por Vieira.

⁵⁵ Alfonso de Madrigal “El Tostado” (1410- 1455) ficou conhecido pelo nome de “O Abulense”, porque foi um dos mais ilustres bispos de Ávila. Evidenciou-se como grande humanista, teólogo. Estudou no Colégio de S. Bartolomeu de Salamanca com uma bolsa do bispo Anaia filosofia, teologia, leis, latim, grego e hebraico. Ao terminar os seus estudos, foi nomeado reitor daquele colégio e mestre escola da Universidade de Salamanca. O seu projecto era fazer um comentário a toda a Sagrada Escritura, mas só em parte o conseguiu. Madrigal pretendia conjugar os requisitos humanistas com a teologia. Su humanismo. Torquemada perseguiu-o obrigando-o a fugir para Roma de pois de redigir “El defensorio de sus proporciones”. Considerado a primeira grande figura no campo da teologia, interessou-se bastante pela mística e pela sagrada escritura e pelo tomismo. A sua obra abrange 20 vols. de *Opera Omnia*, editados pelo cardeal Cisneros, entre 1507-1531.

Também nós devemos subir, como manda a Sagrada Escritura: «Astittit Regina a dextris tuis in vestitu deaurato circumdata varietate» (Sal 44, 10). Com o hábito religioso sobre o hábito de rainha; com o burel sobre o brocado, com o de fora sobre o de dentro: «Omnis gloria eius ab intus in fimbris aureis circumamicta varietate» (Sal 44, 14). Diz que em hebraico se lê: «in scutulatis». De facto alguns assim traduzem o termo – O texto hebraico reza assim:

הַשֵּׁרָבִיבִּיבְהַזְתָּרְצָבִּישׁמִמִּפְּרָלְמִתְּבִּהַדְּרָבִּכ־לְכֹ.

Vem depois a ideia seguinte: maior rainha porque santa; alude aos escudos de Aragão e Portugal, mas diz que Isabel não procurava coroas, antes as coroas a procuravam a ela. Cristo como rei foi o modelo que seguiu. Os Judeus tinham razão ao dizerem que Ele se dizia Rei, pelo que S. Leão papa escreveu: «Ne in totum videatur inanis Iudaeorum obiectio, discute diligenter Praeses». Não era infundada a crítica hebraica, pois «Caecis visum, surdis auditum, claudis gressum, mutis donavit; Febres abegit, Dolores resolvit, mortuos suscitavit: magnum prorsus regem ista demonstrant».

Idêntico modo de proceder encontramos em Isabel: vêmo-la nos hospitais, vêmo-la curando cegos, mudos, aleijados e mancos. E acrescenta o orador sagrado: os reis provocam todas essas misérias através das guerras, enquanto Isabel cura o mal por eles causado. Aplica-se a Sagrada Escritura: «Nolite confidere in principibus, in quibus non est salus»

Maiores feitos ocorrem na vida isabelina: fala da sua chegada a Santarém para visitar o túmulo de Santa Iria: «Campus germinans de profundo nimio» (Sap. 19, 7); «Faciesque supra coronam auream per circuitum» (; «Quid est tibi mare quod fugisti, et tu Iordanis quia conversus es retrorsum» (Sal 113, 3). Diz que era o Mar Morto (Vallis Salivarum). Job: «Et fiduciam habet quod influat Iordanis in os eius» (40, 18).

– «A facie Domini mota est terra, a facie Dei Jacob».

Não esquece o milagre das rosas evidenciando a maravilha de converter as moedas em rosas («Qui vocat ea, quae non sunt, tanquam ea quae sunt», Rom 4, 17). Outras maravilhas: a Eucaristia, a criação («Ipse dixit, et facta sunt»), mas a tarefa de dar nomes aos animais confiou-a a Adão: «Adduxit ea ad Adam, ut videret quid vocaret ea» (Gen 2, 19) citando S. Basílio de Selêucia.

Vem a seguir o tema da morte. Em Os. 13, 14 lê-se: «Ero mors tua, o mors», mas também nos diz a Escritura: «Non dabis sanctum tuum videre corruptionem». Isabel morta é imortal, e porque imortal é incorrupta. Alude a outra Isabel, a mulher de Carlos V, concluindo o seu pensamento: «Et nunc reges intelligie, erudimini qui iudicatis terram» (Sal 2, 19). A terminar Vieira reafirma que assim Isabel assegurou com as duas coroas a sua santidade, ideia que foi o centro da sua exposição.

ladação emparelham realezas de um mausoléu real e realengo convento que a Real Majestade del-Rei D. João o IV (grande monarca do mundo e senhor reconhecido de um e outro hemisfério) muda e melhora por obra, e David anteviu e festejou nas palavras de uma mudança que quando não seja a mesma, em tudo é semelhante à que temos entre mãos».

Todo este salmo fala de mudanças; o título: «Pro iis qui commutabuntur», é o título do Salmo. – «é certo que foi aquela que fez o culto divino da religião antiga e os que a professam da sua igreja velha e sinagoga estroncada para esta real e nova na melhoria da graça; é mudança de um posto para outro melhorado, de um vale alagado e que por desesperado vizinha com o inferno para o monte da Esperança vizinho do paraíso; de uma igreja velha e por baixa sepultada para um templo real novamente levantado, a sepultura real da nossa Rainha Santa, por mãos e obra de El-Rei seu neto e senhor nosso: «In templum Regis». As religiosas acompanham a mudança e mudam-se.

E prossegue: «Sucessos desesperados pedem socorro à razão; muda-se a Rainha Santa do lugar que fabricou para retiro da vida e jazigo depois da morte». – «...para o soberbo edifício de que já vemos princípio na pedra fundamental que hoje se lançará».

Há a queixa do Mondego, interroga-se Siqueira? Lembra Moisés depois de atravessar o Mar Vermelho (Ex 14, 16): «Vinha Moisés acossado da fúria de Faraó e arraial egipciano que lhe picava nas costas quando já pisava a costa e praias do Mar Vermelho que toda via inchado escumava de braveza, empolava de soberba, persistia inteiro e crespo...». Moisés com o cajado separou as águas. O Sal 113, 3 canta: «Mare vidit et fugit; Jordanis conversus est retrorsum», em hebraico:

רֹחַ אֱלֹהִים יַבֵּן יַיָּדָיו וְיַדְרֶה יַיָּהּ סֵבֵב יַיָּהּ אֶרֶץ מִצְרָיִם

Acerca do rio Jordão cita S. Basílio de Selêucia⁵⁷: «Mare Moysen fugit et Moysis Dominum reveretur, tamquam mancipem incompositis moribus». Fala da passagem do Jordão pelo povo hebraico (Ios 3, 15-16), servindo-se ainda da vida de Santa Brígida que sua filha, Santa Catarina, foi visitar a Roma, onde num certo dia fez para as águas tumultuosas do rio Tibre⁵⁸ (o Abulense comenta: «ut signifi-

⁵⁷ Basílio de Selêucia nasceu em Isaurien de que foi metroplita, tendo morrido depois de 468. Deixou uma série de Homilias (MPG 85, 27 ss.).

⁵⁸ Trata-se de Santa Catarina de Vadstena ou Santa Catarina da Suécia que nasceu em 1331 na Suécia. Era filha de Santa Brígida da Suécia que, pela morte do marido, foi viver em Roma. Em 1349, foi-lhe permitido que fosse a Roma visitar sua mãe durante o Jubileu de 1350. Pelos próximos 25 anos as duas mulheres usaram Roma como base de uma série de peregrinações inclusive uma a Jerusalém. Quando

caretur magna obedientia aquarum»). Também Isabel mandou suster as águas do Tejo para venerar o túmulo de Santa Iria, utilizando A. de Vasconcellos: «Regredientem a tergo maturae fluvius sequebatur. Donec ancillantibus ad nutum aquis evasit in ripam»⁵⁹.

Outros autores referidos por Siqueira: João Crisóstomo e Caetano acerca de Noé: «Ut Noe neglectae pietatis, erga avum salvandum, non argueretur». «Adducentur Regi virgines post eam».

A respeito de Maria junto à cruz de Crsito, cita Ruperto no seu comentário a Io 19, 26-27: «Factae plane omnium nostrum mater» e Santo Agostinho comentando: «Officia, quae propria dispensatione exequenda curabat»⁶⁰

«A todos os reis passados que por dita descenderam da Santíssima Rainha se foi sempre oferecendo a presente ocasião de filial piedade e lealdade real; as injúrias do tempo, “descorrerias” do rio, indecências do lugar diziam a cada qual: «Ecce filius tuus», vê rei que é tua mãe; porém nenhum lançou mão da obrigação de filho, nenhum se deu por achado no serviço de tal mãe, na real magnificência devida a tão grande santa; até que por dita nossa e satisfação da dívida em que o tempo nos estava deparou outro João esta Santa Rainha, o qual só pode dizer: «Ecce filius tuus», eis aí vosso filho, porque esteve esperando tantas centenas de anos, o que outros desprezaram; para quem Deus reservou a ocasião presente, os aplausos deste dia, os grandiosos empregos da majestade real e filial piedade»...

O orador volta a apoiar-se no Card. Caetano e diz que enquanto a a Vulgata traduz: «Adducentur», os LXX apresentam: «Adducentur sursum». – «É rainha e é santa por um e outro princípio convinha que se mudasse para lugar eminente e para sítio levantado para um empinado monte; sigamos esta –

Comenta de seguida: são estilos praticados e repetidos respeitos da natureza e graça com sujeitos eminentes por uma e outra via divisar entre os outros na eminência do sítio os que por dita divisam na eminência do ser». - «Digo que por ser rainha se lhe devia o monte para montar como vivos os visos da Majestade que jazem mortificados e de todo sepultados naquele corpo defunto e sepultura real».

em Roma elas passavam o dia em meditação, oração, ajudando os pobres e ensinando a eles a religião e os evangelhos. Quando Santa Brígida faleceu Catarina levou seu corpo para a Suécia enterrando-o no Convento da Ordem do Santo Salvador (Brigiditas) em Vadstena. Catarina tornou-se Superiora da Ordem e serviu como Abadessa. Escreveu um trabalho intitulado “Consolação da Alma” (“Sielinna Troest”). Ela conseguiu a aprovação para Ordem em 1375. Faleceu em 24 de Março de 1381. Foi canonizada em 1484, culto confirmado pelo Papa Inocêncio VIII.

⁵⁹ “In Elog. Elysab Reg.” Vid. nota 20 sobre António de Vasconcellos.

⁶⁰ “Tract. in Ioa.”, 119.

O tema do monte é desenvolvido pelo autor. Daí a o referir-se à transfiguração de Cristo e a Josué que foi sepultado no monte: «Sepelierunt in finibus possessionis suae in Thamna Sare, quae est in monte Ephraim» (Jos 24, 30)⁶¹. Também são referidos os Macabeus que foram sepultados no monte Modin (1 Mac 2, 1 s.; 2, 70; 9, 19; 13, 25)⁶². Simão ergueu ali sobre a sepultura um monumento elevado (13, 25-30). Em Is 11 lê-se: «Erit sepulchrum eius gloriosum, erit conspicuum». E comenta Siqueira: «É natural o subir ao brio da santidade; como tem o centro alto, alto deseja o sítio e aceita por assento o lugar mais levantado». Apoia-se em várias autoridades, como Jerónimo, os livros dos Macabeus, Tomás, Orígenes, Gregório e outros.

E dá a razão para ser sítio elevado: «As eminências da terra são naturais aos santos, a título de promessa, que Deus faz por Isaías: «Sustullam te super altitudinem terrae». – Caleb – Basílio Selêucia (Quaerit locum nubibus aequum». – Mt 17, 12

O Sal 15, 9 diz: «Caro mea requiescet in ipso», e o Sal 15, 10: «Quoniam non derelinques animam meam in inferno»; «Nec dabis sanctum tuum videre corruptionem»; e no Sal 40, 9-10 Lê-se: «In pace dormiam, et requiescam, quoniam tu Domine singulariter in ipso constituisti me».

Escreve Siqueira: «Aqui se funda o direito que tem para repousar nos altos mais empinados e auges da esperança a nossa Rainha Santa, que na terra e sepultura logrou condições do céu, e isenções de corrupção». O Monte da Esperança é a elevação escolhida por Deus para trono de Isabel. É a morada da esperança, servindo-se de Job, comentado por Belarmino que cita a propósito do Sal 23, 3: «Quis acendet in montem Domini, aut quis stabit in loco sancto suo», pelo que o Ap 14, 1 diz: «Vidi, et ecce Agnus stabat, et cum eo centum quadraginta quatuor millia».

S. Gregório sobre 1 Reg 13, 2 disserta acerca do vale profundo e das relíquias reais. Caleb, filho de Jephunne, da tribo de Judá, um dos doze mensageiros (Num 13, 6), o único que não era mesquinho (13, 30; 14, 6-9) e, por isso, foi-lhe permitido entrar na Terra Prometida (Num 26, 65; 32, 12), juntamente com Josué, filho de Nun. Foi-lhe atribuída a cidade de Hebron; em Jos 14, 12 diz-se: «Da mihi hunc montem», texto que Orígenes comenta em pormenor.

Caleb procurou sepultura para as sagradas relíquias dos patriarcas mereceram a Orígenes algumas considerações: Abraão, Isac, Jacob, Sara, Rebeca e Lia são exemplos apresentados Jos 14, 12)⁶³. A propósito do esposo que espera a sua

⁶¹ Trata-se de Timnat-Sera ou Thamnathsare.

⁶² Modin, cidade situada a Leste de Lidda, foi a pátria dos Asmoneus.

⁶³ Orígenes hom 12 in Ioannem; Em Jos 14-24 ao tratar-se dos últimos dias de Josué, encontramos referências várias à sepultura de diversas figuras bíblicas.

anda cita o Cântico dos Cânticos: «trahe me post te» (Cant 1, 3; 4, 6; 1, 2). E fala da «sombra da saudade», da «presença de saudades», que «grangeou saudades», «antecipar saudades».

Volta a insistir na santidade de Isabel servindo-se de Tertuliano, de Basílio e de Lorino⁶⁴. Sobre Raquel e cita Jer 30, 15. E lembra que nas transladações sempre houve festividades. As demonstrações de júbilo eram frequentes na transladação dos santos, como de José para Siquem (Jos 24, 32). Com Isabel passa-se o mesmo: «Este aplauso matutino é precursor do da tarde, quando se fará num corpo o Senado, a Cidade e a Universidade, o Clero e as Religiões em suas comunidades».

O Convento da Esperança, no alto, é um símbolo importante para todos. No dia do lançamento da primeira pedra do novo convento tem um significado especial. E lembra que Maria, irmã de Moisés, também cantou, juntamente com outras mulheres (as donzelas de Sião), a travessia do Mar Vermelho: «...cum tympanis et choris, quibus praecinebant, dicens: Cantemus Domino, gloriose enim magnificatus est, equum et ascensorem eius deiecit in mare» (Ex 15, 20-21)⁶⁵. No Sal 47, 2, entre outros, fala-se do monte de Sião: «Fundatur exultatione universae terrae mons Sion».

Também no Apoc 14, 3 se fala de cânticos: «Cantabunt quasi canticum novum; et nemo poterat ducere canticum illud, nisi illa centum quadraginta quatuor millia». Refere Belarmino no seu comentário ao Sal 44 e 47, 2; e ainda Santo Ambrósio, Sap 4, 1, Act 12, 7, e Santo António, no seu sermão do domingo 18 depois da Santíssima Trindade.

A sucessão de citações continua (Gen 28, 17; Gen 28, 22 e Ag 2, 10) e dos Santos Padres e teólogos, como Santo Agostinho e o cardeal Hugo⁶⁶.

A terminar vem um louvor a D. João IV: «Vede agora Portugueses a diferença que vai deste Rei, que Deus vos deu aos das outras nações, quando todos eles tratam de empobrecer vassallos, por se fazerem mais ricos, quando de os esfo-

⁶⁴ Este padre jesuíta francês faleceu em 1634; escreveu vários comentários bíblicos ao Antigo e ao Novo Testamento.

⁶⁵ Maria ou Miriam, irmã de Moisés e de Aarão (Num 26, 59), depois da passagem do Mar Vermelho, cantou a vitória das mulheres (Ex 15, 1-21). Por isso é chamada «profetiza» (Ex 15, 20-21). No deserto surgiu um problema com Moisés pelo que Deus a castigou com a lepra de que foi recuperada por Deus (Num 12, 1-16). Morreu em Cades (Num 20, 1). Outros cânticos («shirim») célebres do Antigo Testamento: do Êxodo (Ex. 15, 1-21), de Moisés (Deut 32, 1-43), de Débora (Ju 5), de Ana (1 Sam 2, 1-10), o livro do Cântico dos Cânticos, o hino das três crianças («Trium puerorum» (Dan. 3, 52-90), de David (a Cr 29, 10-19), de Tobias (Tob 13, 1-8), de Judit (Jud 16, 13-17), de Jeremias (Jer 31, 10-14), de Isaias como louvor a Deus criador (Is 45, 14-25), oração pela restauração de Israel (Ecli 36, 1-17), – No Novo Testamento: o «Benedictur» de Zacarias (Lc 1, 68-79), o «Magnificat» de Maria (Lc 1, 48-55) e o de Simeão (Lc 2, 29-32).

⁶⁶ Vid nota 36 sobre Hugo de S. Caro.

lar e deixarem na espinha para mais engrossarem e viverem regalados; el Rei D. João IV por ser em tudo o primeiro e único sobre todos despense magnificências e diz que não se repare em demasias de culto e gastos extraordinários de sua real fazenda para dar melhor lugar à Rainha sua avó e trasladar as relíquias de seu santíssimo corpo com aparatoso real e laurear-lhe por sepulcro um templo que por magnífico se chame templo do Rei, cuja mgnificência engrandece, pois ele assemelha-se ao de Jerusalém.

X

Outros autores⁶⁷ peroraram em louvor da Rainha Santa Isabel: António da Ressurreição e Fr. Jorge Pinheiro em 1625⁶⁸, João de Deus em 1672⁶⁹; José de Oliveira em 1690⁷⁰; e Fernando de Santo Agostinho em 1676⁷¹, Fr. José Caetano em 1745⁷²; Gabriel da Costa⁷³.

Manuel Augusto Rodrigues

Abstract:

The present study will analyze seven sermons proclaimed between 1625 and 1772 in honour of the Holy Queen (Rainha Santa), Isabel of Aragon, who was canonized in 1625. Among the orators, we find Father Antonio Vieira who preached at the church of St. Anthony of the Portuguese (Sant'Antonio dei Portoghesi) in Rome in 1674, and the Spaniard, Friar Hortencio Félix Paravicino y Arteaga Palavicino in Madrid in 1625.

Apart from other aspects that could be included in a more comprehensive study, we have paid particular attention to the biblical, patristic, theological and cultural arguments, on which the sermons' authors based their reasoning. Practically all the books of the Old and New Testaments are cited. Isabel of Aragon's biographers are often referred to, as is the case of the Jesuits Antonio de Vasconcellos, who wrote the renowned "Anacephalaeosis", and Pedro João Perpinhão, a Spaniard and esteemed humanist at the College of Arts of Coimbra and other national and European institutions. The latter left us a vast number of works, several of which are dedicated to the patron saint of Coimbra.

⁶⁷ Sobre estes autores, vid. Manuel Augusto Rodrigues, «A Cátedra de Sagrada Escritura na Universidade de Coimbra – Primeiro Século (1537-1640), Coimbra 1974; e «Memoria Professorum Universitatis Conimbrigensis», vol. I (1290-1771), Coimbra 2003.

⁶⁸ Jorge Pinheiro, dominicano, foi lente de vépera de Sagrada Escritura da Universidade de Coimbra; António da Ressurreição era dominicano, lente de prima de teologia da Universidade de Coimbra e deputado do Santo Ofício.

⁶⁹ João de Deus, qualificador do Santo Ofício, examinador das Ordens Militares lente de Prima e guardião do Convento de S. Francisco da Ponte.

⁷⁰ José de Oliveira era lente de teologia da Universidade de Coimbra.

⁷¹ Fernando de Santo Agostinho era frade jeronimita.

⁷² José Caetano, carmelita, foi lente de Sagrada Escritura da Universidade de Coimbra.

⁷³ Foi professor de Exegese Bíblica da Faculdade de Teologia da Universidade de Coimbra e cónego doutoral da sé local.

Revealing all their profound knowledge of the sacred texts, the preachers multiply their considerations in comparisons between the life and virtues of Isabel and the personalities and facts of biblical and profane history, thus following the predominant style of the time. We have at times expanded on their considerations, providing a few philological-theological notes, which may help in better understanding the wealth of the texts they used and, consequently, the thoughts they expressed in these important testimonies of canonical eloquence.

The fervent panegyric concern aims to present the Holy Queen as a model of the asceticism and spirituality that should be aspired to by listeners and readers. Also worthy of note is the patriotic tone that accompanies the sermons in honour of the illustrious daughter of Saragossa who found her resting place in Coimbra.